



As contribuições do PIBID/Núcleo de Pedagogia na promoção da literatura indígena nos anos iniciais do Ensino Fundamental

Everton Vitor da Silva¹
Lucimara Tavares Reis²
Rosana Ramos de Souza³

RESUMO

Este relato de experiência visa descrever e refletir sobre as vivências pedagógicas proporcionadas por aulas ministradas nas turmas do Ensino Fundamental 1 da Escola Estadual Araújo Filho, com foco na temática na literatura indígena, com ênfase na produção literária do autor Ailton Krenak. As atividades foram realizadas no contexto de uma ação extensionista, no projeto extensão “Literatura Indígena: a formação de leitores nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental”, vinculada ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, com o intuito de promover uma educação antirracista e culturalmente sensível. As ações foram realizadas no período 19 a 23 de maio de 2025, nas turmas abordou as temáticas Povos indígenas: período colonial, direitos dos povos indígenas, cosmovisão: mitos, lendas, etnia do autor, jogos culturais, elementos da cultura e a Lei 11.645/2009, dividido em etapas de 6 aulas. Durante as aulas, buscou-se destacar o respeito à diversidade, o reconhecimento da identidade indígena e a importância de compreender os direitos fundamentais desses povos. As estratégias utilizadas envolveram rodas de conversa, contação de histórias, produção de cartazes coletivos e diálogos sobre a maneira correta de se referir aos povos indígenas. Os estudantes demonstraram grande interesse pelas temáticas, participando ativamente das discussões e atividades. A proposta contribuiu significativamente para ampliar a visão crítica dos alunos sobre o papel dos povos indígenas na sociedade brasileira e para fomentar uma prática docente comprometida com a inclusão e o respeito às diferenças. Conclui-se que, mesmo em turmas iniciais, é possível abordar temas complexos de forma significativa e acessível, desde que sejam utilizados recursos didáticos adequados à faixa etária e à realidade dos estudantes.

¹ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas - ICSEZ/UFAM, silva.everton@ufam.edu.br.

² Professora da Rede Estadual de educação do Amazonas, lucimarareis111@gmail.com

³ Professora do curso de Pedagogia do Instituto de ciências sociais, educação e zootecnia - ICSEZ/UFAM, rosanasouza@ufam.edu.br





Palavras-chave: Vivências, Literatura Indígena, Ensino Fundamental, Docência

INTRODUÇÃO

A literatura é uma ferramenta essencial no processo de formação de leitores críticos e cidadãos conscientes. Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, ela atua não apenas como instrumento de letramento, mas também como ponte entre diferentes culturas, saberes e modos de viver. Nesse sentido, a literatura indígena assume um papel de destaque, pois rompe com visões estereotipadas e abre espaço para a valorização das vozes dos povos originários. Ao longo da história, a escola brasileira muitas vezes silenciou ou reduziu a presença indígena a episódios pontuais, geralmente ligados ao “descobrimento” ou à ideia de povos em extinção. A aprovação da Lei 11.645/2008, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena, representou um marco na tentativa de corrigir esse apagamento, colocando a diversidade cultural como tema central da educação. Da mesma forma, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) incentiva práticas pedagógicas que valorizem a pluralidade de identidades, histórias e tradições.

O presente artigo é um relato de experiência que descreve as vivências pedagógicas realizadas para as turmas do Ensino Fundamental da Escola Estadual Araújo Filho, no município de Parintins (AM), entre os dias 19 e 23 de maio de 2025. As atividades foram desenvolvidas no contexto do projeto de extensão “Literatura Indígena: a formação de leitores nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental”, vinculado ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID. A proposta teve como fio condutor a produção literária de Ailton Krenak, autor, pensador e líder indígena reconhecido por suas reflexões sobre a relação entre humanidade e natureza e pela defesa da diversidade cultural. O trabalho buscou promover uma educação antirracista, crítica e culturalmente sensível, estimulando os estudantes a reconhecerem a identidade indígena, seus direitos e o valor de suas tradições. Os objetivos foram: (a) valorizar a literatura indígena como recurso pedagógico nos anos iniciais; despertar nos estudantes o interesse pela diversidade cultural; (c) discutir o papel dos povos indígenas na história do Brasil; (d) estimular práticas coletivas de respeito, diálogo e empatia.





Em termos metodológicos, a experiência foi organizada em seis aulas temáticas, que incluíram rodas de conversa, contação de histórias, atividades artísticas, jogos culturais e produções coletivas. De modo geral, os resultados mostraram grande interesse dos alunos, que participaram ativamente das atividades, demonstraram respeito à diversidade e ampliaram sua visão crítica sobre os povos indígenas.

METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho foi desenvolvida a partir de práticas pedagógicas voltadas para a valorização da cultura indígena, em consonância com a Lei 11.645/2008, e ocorreu no contexto de uma ação extensionista vinculada ao projeto “Literatura Indígena: a formação de leitores nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental”, do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID. As atividades foram realizadas no período de 19 a 23 de maio de 2025, nas turmas de ensino fundamental 1, da Escola Estadual Araújo Filho, organizadas em seis aulas ministradas baseadas no autor Ailton Krenak.

Para iniciar o trabalho, utilizou-se a roda de conversa com imagens como forma de mobilizar os conhecimentos prévios dos estudantes e aproximá-los do modo de vida, das crenças e da espiritualidade dos povos indígenas. Em seguida, foi apresentada a imagem do autor Ailton Krenak e discutido um trecho da carta “Suspendendo o Céu”, no qual o autor aborda o Bem Viver e a ancestral prática de cantar e dançar para suspender o céu, destacando a relação de comunhão entre a terra e o sagrado. As práticas também incluíram a contação de histórias sobre os direitos dos povos indígenas e a elaboração coletiva de uma linha do tempo ilustrada, que representou a vida dos indígenas antes e depois da chegada dos portugueses, destacando as mudanças culturais e religiosas impostas. Em sequência, os alunos criaram um cartaz coletivo com frases e desenhos que representavam direitos fundamentais, como o direito à terra, à cultura e à religião. Além disso, participaram de um jogo cultural baseado na construção de sequências de movimentos coletivos, que integrou oralidade, corpo e expressão. Outras experiências significativas foram a representação do grafismo com elementos naturais, utilizando tinta guache no corpo para simbolizar a natureza, e a criação de mitos inspirados na carta de Krenak, nos quais os estudantes trabalharam coletivamente a oralidade, a imaginação





e a relação com a natureza. As apresentações orais desses mitos foram acompanhadas de gestos e expressões corporais, e ao final, promoveu-se uma roda de conversa sobre possíveis caminhos para o Bem Viver. As ações se encerraram com a dança coletiva da toada “Brasil – Terra Indígena”, do Boi-Bumbá Caprichoso, integrando música, movimento e cultura. Dessa maneira, toda a metodologia buscou unir arte, oralidade, corpo e escrita, favorecendo a construção coletiva de saberes, a valorização da diversidade cultural e o protagonismo dos estudantes no processo de aprendizagem.

REFERENCIAL TEÓRICO

A vivência em sala de aula, com o corpo docente e com os alunos nos fez vislumbrar a importância do professor como agente de transformação social. Observamos que é imprescindível, nos dias de hoje, no âmbito de sala de aula, o ato de cultivar relações de empatia e respeito coletivo, essenciais para o desenvolvimento do processo educacional. A formação é um processo coletivo de construção docente.

“É uma reflexão conjunta, na medida em que a prática decorrente dessa formação será necessariamente coletivizada, não é uma construção isenta de conflito, mas torna-se mais produtiva se quando partilhada.” (VEIGA, 2009, p. 28).

A participação no Programa de Iniciação à Docência está sendo uma experiência enriquecedora e transformadora em nossa formação acadêmica, possibilitando-nos adquirir um leque de novas experiências, novos conceitos e muitas contribuições para a caminhada acadêmica e profissional. Uma das principais contribuições do Programa é a aproximação entre o ambiente universitário e as escolas de Educação Básica, para que se tenham melhores experiências e resultados na formação do futuro professor.

Assim, entendemos que a prática docente se consolida na relação entre teoria e prática, pois é no contato direto com a realidade escolar que o professor em formação encontra espaço para ressignificar seus saberes.

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” (FREIRE, 1996, p. 23).





Dessa forma, o Programa de Iniciação à Docência se torna um importante instrumento para promover essa articulação, permitindo que a formação inicial esteja comprometida com uma educação crítica, emancipatória e voltada para a transformação social.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Essa experiência mostrou-se muito positiva em diferentes dimensões, durante as rodas de conversa, as crianças expressaram curiosidade sobre como viviam os povos indígenas antes da chegada dos colonizadores, muitas associaram elementos indígenas à sua própria vida cotidiana, reconhecendo semelhanças na relação com a natureza. A contação de histórias teve grande impacto, ao ouvir mitos indígenas, os alunos perceberam que existem diferentes formas de explicar o mundo, essa percepção favoreceu o respeito às diferenças culturais e estimulou a imaginação. As atividades artísticas foram momentos de grande envolvimento, no desenho criativo, símbolos como sol, rio, animais e floresta apareceram com frequência, mostrando que os estudantes compreendem a importância da natureza como fonte de proteção. O grafismo indígena, realizado com tinta guache no corpo, aproximou-os da ideia de pertencimento e espiritualidade. No mural coletivo, surgiram frases como “os indígenas têm direito à terra” e “respeitar as culturas é importante”. Esse resultado revela que os alunos assimilaram conceitos de cidadania e direitos fundamentais, mesmo em uma faixa etária inicial.

A dança da toada “Brasil – Terra Indígena” foi um dos pontos altos da sequência, pois uniu a identidade cultural local (o Boi-Bumbá) à valorização das culturas indígenas, criando um momento de celebração e aprendizagem coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a participação no PIBID, foi possível compreender de forma mais profunda os impactos positivos que o programa exerce sobre nossa formação acadêmica e profissional. Essa experiência nos permitiu conhecer melhor a complexidade do ambiente escolar, a realidade vivida pelos alunos e os desafios enfrentados diariamente pelos professores.





Ao longo do processo, desenvolvemos importantes habilidades pedagógicas, aprendendo a planejar e executar atividades educacionais de maneira mais eficiente e adequada às necessidades do público-alvo. Também aprendemos a lidar com as diferenças individuais dos estudantes e a buscar estratégias criativas para estimular a aprendizagem e promover uma educação mais inclusiva.

Assim, o PIBID se consolida como uma iniciativa de grande relevância no cenário educacional brasileiro, destacando-se por seu papel transformador e pelos resultados positivos que tem proporcionado. Desde sua criação, o programa beneficia não apenas bolsistas e coordenadores, mas também alunos da Educação Básica e o sistema educacional como um todo, configurando-se como um investimento estratégico no futuro da educação ao oferecer aos futuros docentes a oportunidade de vivenciar, de forma antecipada, os desafios e as possibilidades do cotidiano escolar

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), à CAPES, à Escola Estadual Araújo Filho, à supervisora Professora Lucimara e à professora coordenadora Rosana Ramos de Souza, pelo apoio e pela oportunidade de vivenciar esta experiência.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". *Diário Oficial da União*: Seção 1, Brasília, DF, 11 mar. 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.





KRENAK, Ailton. **Palestra de Abertura.** In: III Simpósio Repensando Mitos Contemporâneos, 2019. Disponível em: Acesso em: 28 de set. 22025

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. *Formação de professores: política e profissão.* 10. ed. Campinas: Papirus, 2009.

